



FUNDAÇÃO  

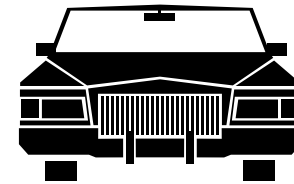
---

LUSO-AMERICANA

OS PRIMOS DA AMÉRICA

Ferreira Fernandes

OS PRIMOS  
DA AMÉRICA



Prefácio de Carlos Vaz Marques

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXII

## ÍNDICE

Prefácio 9

Havai 21

Califórnia 89

Costa Leste 175

Nota autobiográfica 229

© 2012, Ferreira Fernandes  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Os Primos da América*  
Autor: Ferreira Fernandes  
Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2012  
[1991, Relógio D'Água]

ISBN 978-989-671-129-0  
Depósito Legal n.º 347937/12

## PREFÁCIO

No Outono de 1990 eu já tinha saído do pequeno cubículo, adjacente à redacção do semanário *O Jornal*, onde durante alguns meses, poucos, trabalhei lado a lado com o José Ferreira Fernandes. Era ali que jazia a secção de internacional, à margem da adrenalina e da intriga do corpo principal do semanário.

Começo pelo Outono de 1990 — tal como Ferreira Fernandes, na nota prévia a este livro — por me parecer relevante (é-o pelo menos para mim) tê-lo encontrado ainda antes de ele ter encontrado a América.

Éramos quatro, nessa ilha, e Ferreira Fernandes já era na altura o Ferreira Fernandes, quer dizer, um repórter de créditos firmados e caneta apurada, avesso ao lugar-comum e com um sentido de observação invulgar. Tinha opiniões intrigantes mas nunca gratuitas. Era por vezes impaciente, frequentemente distante, quase sempre irónico.

A frieza cordial com que os vários chefes o tratavam — ao tempo, para mim, desconcertante — tornou-se-me entretanto perfeitamente compreensível. Ferreira Fernandes pertencia a uma espécie perigosa no ecossistema das redacções: a dos lobos solitários (ele preferirá ser comparado

a uma pacaça, mais da sua região do Bengo e tão solitária e perigosa como o lobo). Definição de lobo solitário neste contexto: aquele cujo percurso não tende para uma ascensão progressiva e geométrica, galgando degrau a degrau os sucessivos patamares da carreira. Ferreira Fernandes era um franco-atirador e tinha já o reconhecimento necessário para poder ser inconveniente.

A descoberta da América e o entusiasmo com que viria a acolher a ideia do «sonho americano» foi apenas mais uma dessas suas inconveniências.

Para entender porquê é preciso conhecer-lhe o percurso: José Ferreira Fernandes vem da extrema-esquerda, da herança do Maio de 68, de uma matriz cultural francesa. Todo um trajecto geracional que olhava o individualismo norte-americano com profunda desconfiança, quando não mesmo com uma repugnância instintiva.

Acontece que, mais fundo do que esse percurso ideológico, comum entre gente da geração de Ferreira Fernandes, havia a vivência pessoal do rapaz de Luanda que cresceu entre os *self-made men* brancos de Angola. Não exactamente os grandes colonialistas, mas os pequenos colonos, emigrantes em fuga da pobreza europeia à beira-mar plantada para os grandes espaços de uma África prometendo abundâncias bíblicas.

Isso mesmo está inscrito neste livro, uma viagem bem mais pessoal do que poderá parecer à primeira vista. Não é por acaso que o primeiro episódio nele contado é uma história com Luanda («a minha cidade») como pano de fundo. Luanda e a infância e o pai. Muito apropriadamente, um

episódio com travo a história de piratas — um marinheiro sepultado numa barrica de aguardente —, porque este é também um livro de aventuras.

A aventura d'*Os Primos da América* é a de gerações de homens e mulheres que atravessaram o mar em busca de uma esperança que lhes faltava na sua terra, quer porque ela fosse terra demasiado pobre, demasiado pequena, demasiado atrasada, ou demasiado tudo isso em simultâneo.

Este é um livro de História tanto quanto um livro de histórias. De uma História de Portugal onde não há lugar para a autocomiseração. Feita de gente como Joe Faria: «— Há portugueses que se queixam. Eu digo-lhes: vão para de onde vieram se são infelizes. Eu fui muito feliz aqui — a vida é dura e Joe Faria, também.»

Ferreira Fernandes terá muito que calcorrear, ao longo das páginas desta admirável viagem, até descobrir Manuel Duarte, «o primeiro falhado assumido que encontrava na América».

À sua maneira, os nossos «primos da América» são todos, de uma forma ou de outra, vencedores. Temos muito a aprender com eles.

CARLOS VAZ MARQUES

*A meus pais  
e à Alice*

N O OUTONO DE 1990, viajei pelos Estados Unidos por puro prazer. Foi então que compreendi que ninguém podia visitar a América pela primeira vez. A todo o passo assaltou-me a memória de outras viagens, folheando livros, frequentando salas de cinema. Essa minha América, minha, foi o pano de fundo. Era uma presença que não me esmagava, aparecia em *flashes* inesperados mas suaves, só para me confirmar o reencontro. Em San Diego, o boné redondo e branco de um marujo, com palmeiras ao fundo; em Monterey, os cromados de um Chevrolet «Bel Air», 1958; uma flor de hibisco caída no solo negro do Havai; uns garotos a jogar basquete numa quadra de tijolos vermelhos, em Newark; a névoa saindo de um bueiro em Manhattan... Tudo reencontros com lugares onde nunca estivera.

Com esse meu lastro, persegui a América dos outros. A América dos luso-americanos. O meu olhar sempre foi exterior, nunca lhes menti, nunca me menti. Eu era aquele que passava, via e seguia. O jornalista que sou, encontrou frequentes argumentos para parar e gastar as seis semanas de que dispunha desbastando uma só história. Mas segui viagem, cumprindo o propósito de tratar do meu sujeito



com pinceladas impressionistas. Ser elíptico e realista era o balanço que eu pretendia.

Estabeleci o território de caça em traços largos. Estive no Havai, na Califórnia e no Nordeste (Nova Inglaterra, Nova Iorque e Nova Jérсия) — porque esses foram os três grandes destinos da emigração portuguesa. Foi a única lei que me impus. Depois deixei-me ir numa errância subordinada tão-só à vontade de olhar, e ver, os primos da América. Repito, se este livro tem o título que tem é porque foi escrito por quem não se ilude e sabe que está do lado de fora.

Essa viagem, este livro, foi possível porque o presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento o quis. Expliquei a Rui Machete o projecto e ele aceitou-o de imediato. Estou grato à FLAD e a Rui Machete pelo prazer que traduzi neste livro.

Devo a Manuel Anta o incentivo para ter ousado.

Embora errante, a minha viagem teve portos que não esqueço. Vamberto de Freitas, em Los Angeles, Tony Goulart e Rui Brasil, em San José, Manuel Bettencourt, em Milpitas, Carlos Almeida, em San Leandro, Lionel Holmes, em Sacramento, Mary Giglitto e José Alves, em San Diego, Lawrence Borges, em Honolulu, Audrey Rocha Reed, em Maui, Aurélio Ferreira e Valdemar Soares, em Cambridge, Grace Fernandes, em Fall River, Eurico Mendes, em New Bedford, Fernando dos Santos, em Newark, e, em Lisboa, a filha de Euclides Goulart da Costa, Maria. Os seus testemunhos e conselhos balizaram-me a viagem.

Devo destacar a ajuda de Eduardo Mayone Dias, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e Edgar C. Knowlton, da Universidade do Havai. Sem a generosidade de ambos eu não saberia escrever este livro.

## OS PRIMOS DA AMÉRICA

*Hawai*

ÀS DUAS DA TARDE DE 5 de Outubro de 1856 foi sepultada em Luanda uma barrica de aguardente com o corpo já corrompido de um marinheiro americano. Cem anos depois, o meu pai contava-me essa história, a do capitão do *Charlotte* mergulhado em álcool pela sua tripulação, depois de ter morrido no alto-mar. Os marinheiros pensavam guardar o corpo até New Bedford, mas a rápida putrefacção não o permitiu. Rumaram para a minha cidade, onde depositaram a pipa fúnebre.

Numa tarde abrasadora, algumas autoridades menores escondiam-se à sombra das cassoneiras enquanto os coveiros cavavam mais fundo do que costume.

Do alto de uma falésia vermelha, o Cemitério Público dominava a baía luandense, cercada então por poucos sobrados e pela torre caiada da Igreja da Nazaré. Naquelas águas costumavam deitar ferro escunas e corvetas, algum vapor de roda que reprimia o tráfico de escravos, mas caçadores de baleias eram raros. Os baleeiros americanos vinham até aos Açores e Cabo Verde, em ambos à procura de cachalotes e de tripulações baratas, desciam até às ilhas de Ascensão e de Santa Helena, frente a Angola, mas nunca

necessitavam de se abrigar na minha baía. O *Charlotte* e a sua carga estranha deixaram por isso rasto em forma de lenda, que a pequena cidade foi guardando.

Meu pai ouviu-a de meu avô José Fernandes, que foi pombeiro e que a terá ouvido enquanto preparava uma das suas partidas para o sertão, a comerciar bugigangas com os povos de Kinshasa, antes de a capital do Congo se tornar Léopoldville e muito antes de voltar a ser Kinshasa. O meu pai contou-me a história quando íamos no seu camião (um Bedford, o meu pai foi sempre fiel à Casa Americana, a concessionária das marcas da General Motors na nossa cidade). No cacimbo, durante as férias grandes, eu ia com ele para o mato e atravessávamos a fazenda da Tentativa quando os campos de açúcar adensavam o fresco das primeiras horas da manhã. Na minha memória, o capitão do *Charlotte* ficou junto ao cheiro a melaço.

Nessa altura, eu suspirava por histórias que emprestavam um passado a Luanda. Eu era um garoto que queria ser mais do que filho de colono, ansiava por raízes. Cedo soube que tinha direito só às ténues, mas já então havia lido *Moby Dick*, já amava Robert Louis Stevenson e Corto Maltese. Quando perdi a minha terra já tinha guardado os tombadilhos em reserva.

Aqueles que partiam para encontrar passaram a ser os meus; descobri-me a preferir os que não tinham ainda as pátrias sedimentadas. Sabia que um dia procuraria os portugueses da América.

MUITO MAR DEPOIS, encontrei-me na estrada 30, contornando a ilha de Maui, no arquipélago do Havai. Tinha deixado o quarto do Pioneer Inn, em Lahaina, onde ainda estavam afixadas as regras puritanas do Havai governado pelos missionários: «Mulheres não podem entrar no quarto; se você conspurcar ou queimar a cama, será posto na rua; é proibido jogar; só aos domingos se pode dormir todo o dia.»

As ordens vinham do tempo em que na ilha travavam duelo os marinheiros dissolutos e os presbiterianos da Pioneer Company of American Protestant Missionaries. Sedentos, uns, dos corpos havaianos, e, outros, das almas, nunca souberam repartir-se amigavelmente o território de caça.

A estrada era ladeada pelo mar abrigado, onde outrora fundeavam os baleeiros, e por plantações de cana-de-açúcar. Corre junto um trenzinho que sobretudo serve, apesar dos seus vagões para a cana, a tornar melancólicos os turistas. Tal como as velhas regras do hotel.

Pela mesma época em que baixava à terra luandense o capitão do *Charlotte*, o marinheiro António Joaquim Lopes,

nascido na ilha cabo-verdiana da Boa Vista, saltou do seu baleeiro e nadou para esta costa de Maui. Acordou na praia, sob olhares amigos que o convidaram a ir para a montanha. Os nativos já se tinham habituado ao sortilégio que as ilhas exerciam sobre os estrangeiros. António Joaquim ficou, foi rancheiro em Maui e comerciante em Honolulu, onde um beco, Lopez Lane, lhe guarda o nome. Fundou, em 1877, a Sociedade Portuguesa de Santo António Beneficente de Hawaii, à qual fez a oferta da bandeira da nossa monarquia. Serviu na guarda do Palácio Real de Kalakaua, o penúltimo dos reis antes de as ilhas serem anexadas pelos americanos, em 1898.

O cabo-verdiano casou-se com uma nativa, Kaahani, teve seis filhos e voltou a casar-se com uma viúva madeirense, Mariana, de quem teve mais oito filhos. Uma bisneta, Harriet Lopez, com sangue açoriano dos outros avós, indicou-me como encontrar a praia onde tudo começou. E foi assim que em areias próximas de Lahaina, à luz vermelho-tijolo do pôr do Sol, encontrei o mito dos baleeiros misturado com o odor redondo do melaço, que vinha soprado de terra. Aquela praia era, pensei, um bom sítio para começar a desfiar o envolvimento dos portugueses, e dos seus filhos, com a América.

Em 1819 morria Kamehameha I, o Grande, unificador do Havai, e abandonava as ilhas João Elliot de Castro, aventureiro e primeiro português com estada documentada no arquipélago, nesses tempos ainda conhecido como ilhas Sandwich. Castro tinha sido secretário e médico do rei

Kamehameha e partia desiludido por ele lhe ter negado a mão de uma das filhas. Engajado na marinha colonial espanhola, foi caçar piratas malaios para os mares das Filipinas. Os seus feitos foram noticiados, vinte anos depois, pela *Sandwich Island Gazette*, que lembrava aos leitores que o autor daqueles valorosos actos era «o nosso velho amigo Elliot».

Ainda em 1819, dois navios, vindos da costa atlântica dos Estados Unidos, de Nova Inglaterra, descobriam que as baleias aproveitavam o Inverno para parir nas águas havaianas. Até ao fim do século, a vasta frota baleeira não largou Lahaina e Honolulu e propiciou a vinda de algumas centenas de portugueses, quase todos açorianos e cabo-verdianos, quase todos desembarcados como António Joaquim Lopes, saltando a amurada. Acto misteriosamente definitivo: os portugueses no Havai virão a ser tudo, mas de costas para o mar, nunca mais marinheiros ou pescadores.

No entanto, alguns foram sepultados no Cemitério dos Marinheiros, em Lahaina, onde o tempo se encarregou de apagar as cruzes de madeira. A mais antiga sepultura portuguesa ainda assinalada é a de Antone Sylva, «born in Fayole, Azores», e enterrado em 1887, com 80 anos.

Da mesma Nova Inglaterra tinham entretanto chegado missionários que pretendiam salvar as havaianas, que não pretendiam ser salvas. Desde 1820, a sua influência na corte não cessou de aumentar. Eram intolerantes, dogmáticos e dedicados visionários. Herman Melville, que em 1843 esteve seis meses em Lahaina em aprendizagem para o *Moby Dick*, descreveu-os como «uma junta

de ignorantes e insidiosos metodistas que governa uma nação».

Lahaina, o paraíso, passou a ser o lugar onde se digladiavam o Inferno e o Céu. Aos que diziam que «não há Deus a oeste do cabo Horn», outros contrapunham que sim, e que até ali estavam eles, os seus profetas. A ideia que os marinheiros, com três ou quatro anos de campanha no mar, deviam ter do divertimento — álcool, sexo e violência — não podia chocar mais os puritanos. Um dia, o reverendo William Richards, que fizera as autoridades indígenas proibirem as raparigas de subir aos barcos, viu a casa cercada por lobos-do-mar amotinados pelo cio. O missionário vingou-se soprando ao rei uma ideia para substituir a indústria baleeira e que acabou por ser a causa do povoamento português do arquipélago: a economia do Havai sobreviveria melhor com a cana-de-açúcar.

A alternativa demorou a impor-se mas a ordem e a moral foram-se instalando. Já em 1860, um tribunal de Honolulu condenava à multa de dois mil e quinhentos dólares o capitão Nathaniel Sowle por ter sodomizado o seu criado de cabina, o açoriano Manuel Enos, depois da falhada deserção, em Lahaina, daquele jovem de São Jorge.

Meia dúzia de quilómetros a norte, em Kaanapali, numa *village shopping*, visitei um museu que guarda memória desses brutos dias de baleação. Um rol de tripulantes revela, em quase metade, nomes portugueses. Num mostruário, uma carta amarelecida conta, em inglês, os fins de tarde à volta do mastro grande: «... e Kimble assobiava Yankee

Doodle, e os portugueses cantavam uma canção da sua terra.» Uma música americana antiga, do tempo das guerras da Independência, junto a modinha açoriana, e ambas não sabendo que a soma mais revolucionária estava para vir com um instrumento madeirense.

Mas aquele não era o lugar da nostalgia. Demasiados turistas disfarçados de *local people*, com camisas explodindo em flores, tapavam o passado. No dia seguinte, parti para o interior da ilha.

## ALGUMAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS

### SOBRE OS PORTUGUESES NO HAVAI

- «A Presença Portuguesa no Havai» de Eduardo Mayone Dias  
(em *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III Série,  
n.º 87, 1981).
- «The Madeiran Exiles: From Illinois to Hawaii», de Edgard C.  
Knowlton (em *Encruzilhadas/Crossroads*, vol. 3, Symposium on  
Portuguese Traditions, UCLA, 1990, Los Angeles).
- «The Portuguese Language Press of Hawaii», de Edgar C. Knowlton  
(em *Social Process in Hawaii*, Honolulu, 1960).
- The Portuguese in Hawaii*, de John Henry Félix e Peter F. Senecal  
(Honolulu, 1978).
- Portuguese-Hawaiian Memories*, de J. F. Freitas (ed. Printshop Com-  
pany, Honolulu, 1939).
- Around the World With a King*, de William N. Armstrong (ed. Charles  
E. Tuttle Company, Tóquio).
- Olivia — My Life of Exile in Kalaupapa* (ed. Arizona Memorial  
Museum Association).
- A Tree in Bud — The Hawaiian Kingdom, 1889-1893*, de Bosseront  
d'Anglade (ed. University of Hawaii Press).

### SOBRE OS PORTUGUESES NA CALIFÓRNIA

- Portuguese Immigrants*, de Carlos Almeida (ed. UPEC, San Leandro).
- Os Portugueses na Califórnia*, de Urbino San Payo (ed. Secretaria de Es-  
tado da Emigração, Porto).



*Açorianos na Califórnia*, de Eduardo Mayone Dias (ed. Coleção Diáspora, Angra do Heroísmo).

*Coisas da Lusândia*, de Eduardo Mayone Dias (ed. Instituto Português de Ensino à Distância).

*Crónicas das Américas*, de Eduardo Mayone Dias (ed. Livraria Ler Editora, Lisboa).

*Portugueses na Califórnia*, de Hélder Pinho (ed. Editorial Notícias, Lisboa).

*Portuguese Pioneers of Sacramento Area*, de Lionel Holmes e Joseph d'Alessandro (ed. Portuguese Historical and Cultural Society, Sacramento).

*Portugal Descobridor*, de Euclides Goulart da Costa (Ed. Livraria Moraes, Lisboa).

*Never Backward*, de Lawrence Oliver (ed. Rita Larkin Wolin, San Diego).

#### SOBRE OS PORTUGUESES NO LESTE DOS EUA

«Baleeiros Portugueses na América», de Eduardo Mayone Dias (em *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, n.º 85, Setembro de 1979).

*Entre Dois Mundos*, de Fernando de Meneses (ed. NADC Publication, Fall River).

*L(USA)lândia — A Décima Ilha*, de Onésimo Teotónio Almeida (ed. Direcção de Serviços de Emigração, Angra do Heroísmo).

*The Portuguese-Americans*, de Leo Pap (Boston, 1981).

#### NOTA AUTOBIOGRÁFICA

FERREIRA FERNANDES nasceu em Luanda, em 1948. A data e o local contaram muito: durante toda a sua infância, a pátria da sua infância (o que mais conta numa pátria) foi uma cidade crioula, mestiça. Depois, em 1961, com o começo da guerra colonial, Luanda ficou menos misturada — mas já o neto e filho de colonos era um filho da terra. Nacionalista angolano, exilou-se em 1969, viveu em Paris, em 1974 regressou a Lisboa, onde fora estudante, dois anos depois regressou a Luanda, onde fora feliz, e abandonou o seu país em 1977, porque sim. Tem voltado muito a Luanda para ver os sobrados da Cidade Alta que restam, e há cada vez menos. Entretanto, para ganhar a vida e contar coisas, tornou-se jornalista.

É repórter e cronista. O ponto alto da sua carreira aconteceu na ponte sobre o Ibar, em Mitrovica, Kosovo, em 1999. Viu uma velha sérvia que tinha nascido e vivido na margem errada, onde os albaneses atiravam pedras, e que fora depositada pelas tropas da ONU no meio da ponte, para ir para a sua margem, onde os sérvios espumavam de raiva. Todos os pertences da velha eram dois grandes sacos de plástico que os soldados onusinos gentilmente seguravam,

deixando-a ocupada com o que a preocupava: os seus joelhos tremiam desalmadamente. Chegada à outra margem, oficialmente a sua, a velha sentou-se num canteiro, de costas para o Café Dolce Vita, agarrou-se aos joelhos e eles deixaram de bater. Então, o maxilar da velha desatou a tremer e ouviu-se o barulho dos dentes. Ferreira Fernandes percebeu, então, que era sobre isso que escrevia há muito, sempre o mesmo, e assim continuaria a escrever. Quem tinha razão na guerra do Kosovo, e em tudo o mais, eram os tremores da velha da ponte sobre o Ibar.



## NESTA COLEÇÃO

*Morte na Pérsia*

Annemarie Schwarzenbach

(trad. Isabel Castro Silva)

*Uma Ideia da Índia*

Alberto Moravia

(trad. Margarida Periquito)

*Paris*

Julien Green

(trad. Carlos Vaz Marques)

*O Japão é Um Lugar Estranho*

Peter Carey

(trad. Carlos Vaz Marques)

*Veneza*

Jan Morris

(trad. Raquel Mouta)

*Caderno Afegão*

Alexandra Lucas Coelho

*Disse-me Um Adivinho*

Tiziano Terzani

(trad. Margarida Periquito)

*Nova Iorque*

Brendan Behan

(trad. Rita Graña)

*Histórias Etiópes*

Manuel João Ramos

*Na Síria*

Agatha Christie

(trad. Margarida Periquito)

*A Viagem dos Inocentes*

Mark Twain

(trad. Margarida Vale de Gato)

*Viva México*

Alexandra Lucas Coelho

*Jerusalém — Ida e Volta*

Saul Bellow

(trad. Raquel Mouta)

*Caminhar no Gelo*

Werner Herzog

(trad. Isabel Castro Silva)

*Cartas do Meu Magrebe*

Ernesto de Sousa

*Viagem de Autocarro*

Josep Pla

(trad. Carlos Vaz Marques)

*O Colosso de Maroussi*

Henry Miller

(trad. Raquel Mouta)

*O Murmúrio do Mundo*

Almeida Faria

*Viagem a Tralalá*

Wladimir Kaminer

(trad. Helena Araújo)

*Histórias de Londres*

Enric González

(trad. Carlos Vaz Marques)